

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura : por uma série de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

2.ª Serie | Desterro, 13 de Outubro de 1872. | N. 12

O TYPOGRAPHO.

Desterro, 13 de Outubro de 1872.

A' mocidade

Da suberba faya brotam debeis rebentos: não n'os-deixeis açotitar pelos vendavaes; não n'os-deixeis cestar pelos ventos gelados do norte; não n'os-deixeis definhar entre impuras parasitas!

Entregai-os aos disvellos de intelligente cultor, e vel-os-heis crescerem, robustecerem-se e ampararem com suas vergonteadustas o tronco, cuja seiva partilharam, e que aghora, cançado e velho, inclina a coma, e parece querer se-deitar no solo d'onde brotou, para dormir o derradeiro somno.

O arbutisto, que nasce na pedregosa incosta do safaro penedo, definha e morre á mingua de cuidados; mas si o transplantam para a fertil planicie, si o homem adjuncta os seus cuidados aos da próvida natureza elle se-fortalece; seus ramos myrrados e rachiticos distendem-se e ingrossam, suas folhas amarelladas e imperfitas reverdecem, os cimos se-corôam de flôres que exhalam embriadores perfumes!

Dai uma gotta d'agua ao lyrio que pende no caule por dia de sol abrazador, e elle vol-a pagará com o brilho de suas côres, com seus suavissimos aromas!....

Tal é a mocidade.

Primoroso rebento da arvore das gerações, ella pede disvellos e carinhos; im-

plora uma gotta de orvalho bemfazejo, um rayo de sol, uma bafagem da brisa.

Dai-lhe disvellos e carinhos na infancia, dai-lhe uma gotta do orvalho fecundo da sciencia, deixai-a aquecer-se aos rayos do sol das esperanças, deixai-a aspirar as brisas que lhe-trazem os ecos da sua grandesa futura!

Dai-lhe um guia seguro, que lhe ampare os vacillantes passos no Sahará do estudo, e vel-a-heis, infatigavel caminheira, ir de deserto em deserto té encontrar a arvore da sciencia que Deos plantou no horto ameuissimo do Parayso.

Oh! mocidade! mocidade! tu és a esperança, o amparo das gerações, a columna de granito em que se-gravam as legendas dos seculos, o sacrario das artes e das sciencias dos nossos antepassados, a promotóra dos futuros ingrandecimentos do universo!

Bem hajas tu que vais buscar no estudo o intretenimento das tuas horas de lazer! Bem hajas tu que não te-deixas seduzir pelo arruido das festas, pela embriaguez de improfiquos folguedos, pelas doçuras do somno da inercia!

Duas estradas se-te-offerecem: a do vicio é plana, plana, mas conduz a medonhos despenhadeiros; a da virtude é escabrosa e cheia de urzes no principio, mas alcatifada de flôres no fim. A'noite, passa a ignorancia pela primeira; á luz do sol, a sciencia percorre a segunda.

« Be thou as chast as ice, as pure as now. »

Da minha obscuridade, do meio das trevas da ignorancia que me-cercam, eu te-vejo rapida passar no teu carro de triumpho, deixando apoz ti um brilhante rastro de luz!

Da minha obscuridade, do meio das trevas da ignorancia que me-cercam, eu te-saudo, oh! mocidade!

ROMANCE

O pescador e o banqueiro.

por

FELIX ELIE.

(Continuação do n. 11.)

I.

— Um dia, (haverá dezoito annos,) eu tinha ido ao mar com excellente tempo; o mar estava calmo, o céu azul, e uma bôa briza do norte, enchia a véla, e minha barea corria como um goélano cortando as agoas... mas o homem pôe e Deus dispõe : esta briza tão favoravel refrescou de repente; passou para o sudueste e principiou a soprar com violencia; no horisonte eu via amontoarem-se ameaçadoras nuvens; o mar começava a fazer carneirinhos, e já se sentião as marretas.... — Temos temporal, — disse eu com os meus botões. Carreguei a véla, e puz-me prompto para fazer face à tempestade.

« Firme no lême, consegui a principio conservar-me à sota-vento; mas, pouco tempo depois, já não havia meio de manobrar; as vagas jogavão com minha pobre barca, como com uma casca de noz. Julguei ter chegado ao fim da minha vida, e recommendei minh' alma a Deus. Durante este tempo, sobre-veio a noite, que noite !... Não sei como a passei.... Finalmente, appareceu a aurora, e com ella senti meu coração renascer para a esperança. Tomando coragem, e cheio de confiança, lancei-me ao trabalho.... A tempestade ainda bramia, mas já não

era a mesma. N'esse momento, as ultimas refegas do vento, trouxerão-me como que o grito de um homem em perigo.

— Em perigo ! disse Jorge, que, com a respiração comprimida, e os olhos fitos no pescador, escutava-o, sem perder uma palavra.

— Olhei em redór de mim, mas nada vi... as vagas alterosas não me permitião prolongar a vista. Ouvi outra vez o mesmo grito... aproveitei o instante em que minha barca se elevava no dorso de uma onda, e percebi então, quando muito á meia amarra de distancia, um homem agarrado à alguns destroços de mastreação, que me chamava e fazia signaes. Governei para elle, e em breve estavamos emparelhados : era tempo; elle estava para ir ao fundo. Quando o deitei no fundo da minha barca, estava sem sentidos.... Meu primeiro cuidado foi chamal-o á vida, e só então, pois antes não déra attenção, vi que, salvando-o, não o salvara só..... Elle apertava convulsivamente uma creança ao peito....

— Uma creança ! exclamou Jorge.

— Eras tu. Como se tudo isto não fosse nada, sorrias-te para mim, estendendo-me as mãosinhas

— Mas elle !... elle !... disse Jorge.

— Consegui finalmente, tiral-o do seu desmaio; seu primeiro pensamento fôste tu. Não te encontrando junto de si, lançou-me um indissolvel olhar de anciãdade, que revolveu-me as entranhas. Percebêo-te então em meus braços, e um sorriso de alegria, passou-lhe pelos labios pallidos. Fez-me signal que queria fallar: cheguei-me para junto d'elle. Tomando as minhas em suas mãos geladas pelo frio da morte, disse-me com voz fraca e entre-cortada: —

«Morro ! Salvai o menino !.. Encontraeis sta familia em »... — Não ouvi o que disse. « — Seu pai chama-se... »

O TYPOGRAPHO.

Calou-se. Seu labio se moverão como se quizesse fallar ainda; inclinei-me sobre elle mas tudo estava acabado.... tinha morrido !...

— Morreu ! exclamou Jorge: E o nome de meu pai ?

— E' segredo que levou consigo.

— E depois n'nhum indício...

— Nada. Alguns papeis insignificantes que encontrei nos bolsos do pobre naufrago, fizerão-me saber unicamente que elle se chamava David Smithson, e nada mais. Isto é, continuou o pescador, tinha-me esquecido que minha mulher, despindo-te, achou um retrato em tua roupa.

— Um retrato ! e ainda o tens ?

Houghton levantou-se e foi buscar em um armario velho, uma caixinha de couro, e de dentro tirou um retrato de mulher.

— Aqui o tens.... talvez que te ajude a encontrar teus parentes. Esta mulher é bem bonita... não é verdade ? Ha em seu olhar alguma cousa de brando e bom...—

— Ah ! se fôsse minha mãe ! murmurou Jorge.

— Sempre pensei que o era.

— Minha mãe ! Sim, deve ser ella !

Oh ! este retrato nunca mais me deixará; ficará aqui sobre o meu coração.

— Seu lugar deve ser esse mesmo, respondeo Houghton; mas é tarde, amanhã será necessario pôr-nos á caminho bem cedo para irmos ter com Tom Will,...., porque estás decidido a embarcar com elle; não é assim ?

— Decidido ! meu pai.

— Então, até amanhã; boa noite.

(Continua.)

Pagina íntima.

Mulher ! mulher querida, quando um dia Eu deixar esta vida de tormentos Por outra mais suave, não esqueças,

Não esqueças o filho da desgraça,
Não olvides o martyr !

Chóra as lagrymas,
Essas lagrymas tristes da saudade,
Por sobre a terra que occultar-me os restos !
Mulher ! mulher querida, não desprezes
O amor que te voto, eu, — o ludibrio
D'este mundo mesquinho da opulencia !
Não desprezes o miserô que vive
Uma vida de lagrymas e dores,
Sempre exposto ao escarneo, ás zombarias
Dos felizes da sorte !...

Sobre as cinzas
Do inditoso cantôr, vai, alta noite,
Quando a lua brilhar n'um céu sem nuvens,
Vai chorar !...

Ajoelhá piedosa
Sobre a humida terra que cobrir-me,
Para a Deus supplicares por minh' alma !
Oh ! vai, meu doce encanto !...

E nunca esqueças
Aquelle que te amou co' a fé mais viva,
Do meio da desgraça !...

O pobre martyr,
Que só deixou a cruz do soffrimento
A' beira do sepulchro !...

H. NUNES.

VARIEDADE.

Carta. (*)

Esta é a ultima e derradeira carta que eu lhe escrevo, porque é inutil eu pegar na minha penna para lhe escrever, porque a Senr.^a não me contesta, e isto motivo que fez-me com que eu dirigisse as minhas fracas phrazes cujas eu as menciono. Senhora hontem a noite a Senr.^a me fez com que eu ficasse em delirio, e actualmente quando estive em sua casa conversando, a Senr.^a não me prestava a attenção ás minhas pronuncias, estava toda afflicta para abrir a porta, para ver aquelle falso e perjuro que estava n'aquellê amargurado canto, nesta

(*) Publicamos esta carta, achada na rua da C....., por acharmol-a interessante, não só pelas parvoíces que contem, como roubos, feitos sem a menor — sans façon, — no n. 8 d' este jornal, do artigo — A aurora no campo. — Os pedaços grypados são o — plagio. —

noite fatal acabei de capacitar que a Senr.^a dava algumas indirectas para com elle, e sempre me falsiando, eu bem conhecia porém para não haver alguma cousa que prejudicasse, fiquei muito encommoado quando lhe offereci aquelle annel, e a Snr.^a devolver-me, fiquei muito melancolico, e isto são acções que não se devem praticar, e hoje estou arrependidissimo depois que lhe offereci o annel, não que a Senr.^a não seja digna de receber qualquer mimo que lhe offereça porém é pela falsidade que a Senr.^a tem consigo, e é muito justo que perca esta terrivel molestia que traz consigo. Supponho eu que breve ha um sojarè em casa do A., e penso que não comparecerei lá, porque não quero que por sua cauza, haja algum sinistro que prejudicasse-nos, então é melhor que eu não compareça, e por outra não quero diga que somentes vou para fectar os meus olhos para aquelle fedelho, isto é, se eu não tivesse outro afazer senão namorar aquelle fedelhinho, então eu não conheço o meu lugar?

A Senr.^a faz uma má apprehensão d'esta minha pessoa, aquella a quem eu hoje perdia os meus dias de ventura, as minhas horas sómentes pelo o amor que consagrava, hoje vivo em profundo melancolia, a minha vontade é embrenhar-me por entre uma floresta para ouvir e apreciar o *cantico aflautado*, o inquieto *rouxinol*, e *outras mil avezinhas confundiam seus trinados em vibrações suaves*, e eu somentes apreciando o leve murmurar e descahir de uma bella fonte, ouvir o succurrar da fagueira briza no arvoredo, penso que tudo isto me farão distrair, as vezes quando eu estou entregue a meu leito de repouzo, da-me uma recordação d'aquella vizão angelica e gentil, que faz-me com que eu fique entusiasmado, fruindo allegria, os meus desejos é sahir para vêr se vejo aquella donzella a quem consagro o meu

puro e constante amor, e ella não sabe remunerar-me o quanto lhe amo, porém paciencia.

A..... esta manhã *ao romper da aurora levantei-me e abri a janella para fruir a viração da manhã. Nem tu imaginas minha cara A..... de que scena arrebatadora foi eu tes'emunha! A aurora essa sublime e poetica filha de Phebo e de Urania, já vinha com suas mãos peregrinas abrir as portas de fogo do Oriente, para receber os adeuses da nocte, que ao despedir-se vertia crystalino pranto que cahia sobre a terra convertida em bemfazejo orvalho! A..... peço-te pelas cinzas de sua tia que me mandes uns fios d'estes teus dispersos que eu desejo coloca-lo em um annel muito chique, e desejo que não me falte com o que lhe pedi actualmente. Nada mais lhe tenho a manifestar. Só que accete o coração saudoso deste que lhe consagro o seu puro e constante amor. A Deos em anjo de innocencia e de candura. F. F. S. S. O Teu fiel am.^o*

* * * *

N. B. Então a Senr.^a quando eu lhe offereci aquelle annel, a Senr.^a quando sahio dice-me que eu não mostrasse o annel a M. A. e como andou mostrando a todas as pessoas, e a ella propria? Para eu ficar sciente quem é esta Perjura, faz tudo de baxo da mascara da falsidade, eu não gosto destas cousas ouviu? heim? J. J. F. S.

CHARADA.

Outra cousa bem diversa — 1
Foge d'ella, malandrim — 1
Ai! de ti! si não te-curvas
ao poder que ves em mim!

A decifração do logogripho do n. antecedent^o é — Magistrado — e a da charada — Galhofa. —

Typographia da «Regeneração» Largo de Palacio n. 32,